

Recortes de uma vida de intervenção inspirada em Paulo Freire

Alberto Melo¹

Clippings of a lifetime of intervention inspired by Paulo Freire

"Ser cultural ou ser consciente é a forma radical de ser dos humanos, enquanto seres que, refazendo o mundo que não fizeram, fazem o seu mundo e, neste fazer e refazer, se refazem a si mesmo. São, porque estão sendo."

Como esta, são inúmeras as frases de Paulo Freire, vincando o direito e o dever de cada pessoa se afirmar como sujeito da sua história e, como tal, da história do mundo. Numa linha de pensamento, talvez iniciada por Baruch de Espinoza – quando pretendeu explicar as relações dinâmicas entre a construção de cada pessoa, o mundo físico e a sua sociedade política - Paulo Freire oferece-nos simultaneamente uma visão (ser uma pessoa completa) e um programa: agir sobre nós mesmo, agindo sobre o mundo, para nos aproximarmos incessantemente dessa visão, concretizando as nossas capacidades, embora sabendo que o processo ficará sempre, por natureza, inacabado.

Em contraste com sistemas filosóficos e ideológicos que reduzem o indivíduo a simples resultante, impotente e passiva, de factores pré-determinados e determinantes, emerge aqui uma fundamental margem de liberdade, que é simultaneamente uma margem de responsabilização, para cada um de nós, como seres humanos. Porém, esta liberdade só será libertação à medida que - pela acção e pela reflexão que façamos dessa acção - cada pessoa se for tornando mais consciente, mais autónoma, mais eficaz e eficiente através da acção, que exerce sobre si, sobre os outros, sobre o mundo. Em suma, libertar-se-á à medida que, por esta via de influenciar e deixar-se influenciar, se for tornando mais pessoa.

Desta forma, o espaço público - o espaço aberto à intervenção humana sobre a sua sociedade - ultrapassa em muito o espaço reservado ao trabalho dos políticos de profissão. A

¹ Licenciou-se em Direito, Universidade de Lisboa, Pós-graduação em Educação de Adultos Universidade de Manchester. Integrou a Comissão Instaladora da Escola Superior de Educação de Faro ficando desde então ligado ao Instituto Politécnico de Faro e à Universidade do Algarve, onde leccionou e coordenou o Gabinete dos Programas Europeus. Consultor na OCDE, Conselheiro na Delegação Permanente de Portugal junto da UNESCO, Professor na Universidade de Paris IX. Docente na Open University e na Universidade de Southampton. Atuou no Ministério da Educação, Director Geral de Educação Permanente (1975-76) e, Encarregado de Missão do Grupo responsável pela implementação do Projecto de Sociedade SABER+ (1997-99), que esteve na origem de medidas como os Cursos de Educação e Formação de Adultos e o Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências. Condecorado a 8 de Março de 2003, pelo Presidente da República, como Grande Oficial da Ordem de Mérito. É, correntemente, Presidente do Conselho Executivo da APCEP, Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente.

sociedade não se transforma apenas através das leis, das grandes reformas, das mega-estratégias, mas estará a evoluir sempre que cada um de nós pensa e age em coerência, visando o aperfeiçoamento próprio e o dos outros e sempre que um grupo de cidadãos empreende um processo - por mais circunscrito que seja - de aprendizagem colectiva através de uma acção reflectida. Estamos em plena acção educativa, logo que, como nos diria Paulo Freire, pudermos *"melhorar a condição humana, contrariando os efeitos da psicologia da opressão"*.

Vêm estas considerações a propósito de uma experiência de intervenção de natureza socioeducativa, iniciada em 1985, no Algarve (extremo Sul de Portugal), a partir de um pequeno grupo de pessoas, sediado na Escola Superior de Educação de Faro (de início, o Projecto RADIAL e, a partir de 1988, a Associação in Loco). Qual a causa próxima dessa iniciativa? Por um lado, a constatação de uma enorme assimetria entre as condições de vida no litoral do Algarve e no seu interior rural, como resultado da expansão à escala planetária de um modelo dominante de acumulação de capital e de concentração de investimentos, subordinado exclusivamente ao princípio da maximização do lucro, da rentabilidade. Por outro lado, a convicção de que a resistência a tal modelo, destruidor de valores que são para nós e para muitos outros essenciais, teria de procurar impedir ou enterrar a integração, por via tecnocrática, desse território no processo de expansão capitalista em curso. Por fim, a consciência de que um espaço de intervenção cívica assim criado se tornaria, a breve trecho, numa "escola de cidadãos", capazes de analisar profundamente a sua situação pessoal e a sua sociedade e encontrar as vias mais coerentes e apropriadas de intervir, de forma integrada, participada e geradora de autonomia, ali e em qualquer outro contexto social e geográfico.

Para delinear e concretizar, gradualmente, este processo de actuação, é óbvio que nos acompanhou em permanência o pensamento de Paulo Freire. Acima de tudo, a sua crença na natureza perfectível de todas as pessoas, uma vez envolvidas em dinâmicas conducentes à libertação, ou a demonstração que faz de como *"um processo de conquista da autonomia pessoal é detonador do processo para uma sociedade mais livre"*. Não partimos de um plano prévio de acção, exaustivo e estanque, mas sim dos resultados de frequentes contactos interpessoais nas aldeias, de longas reuniões gerais com as populações. Não éramos conduzidos por quaisquer certezas, ideológicas ou teóricas. Vivíamos, como hoje vivemos ainda, na incerteza, que é - nas palavras de Paulo Freire - *"o único lugar de onde é possível trabalhar de novo necessárias certezas provisórias"*.

Deste modo, partimos para a invenção comum de respostas adequadas, definidas no diálogo, ou até no confronto, de ideias, entre a equipa de intervenção e as pessoas locais. Como ele também nos diz, *"o intelectual precisa saber que sua capacidade crítica não é superior nem inferior à sensibilidade popular; a leitura do real requer as duas"*. Organizámos momentos e instrumentos próprios para a reflexão sobre a prática em curso. Tal como o "radical" em Paulo Freire (e radical é ir até à raiz das coisas), *"rejeitámos o activismo e submetemos sempre a acção à reflexão, reconhecemos que, se não podíamos deter nem antecipar, podíamos e devíamos, como sujeitos, com outros sujeitos, ajudar e acelerar as transformações desejáveis, na medida em que íamos conhecendo melhor para melhor poder interferir"*.

Definimo-nos à partida como um projecto de acção-investigação-formação e mantivemos esse compromisso ao prosseguir um processo que foi essencialmente educativo e que, por isso mesmo, tinha de assentar nesses três pilares. Conceber e executar um projecto de intervenção desta natureza numa zona em crise cultural e económica, como é o interior rural português, exige uma ruptura drástica com os padrões convencionais de ensino, que assentam em espaços exclusivamente destinados à transmissão formal de conhecimentos, numa relação unidireccional professor-aluno e em conteúdos programáticos pré-definidos.

Para se tornar eficaz nestes casos, a acção educativa não pode ser uma simples extensão institucional, que apenas alarga a sua clientela para lhes fornecer os mesmos produtos. Se a acção educativa quer contribuir de facto para a gama de respostas exigidas por situações-problema, não é possível iniciar de imediato actividades formais de educação ou formação. Lançar cursos, sem um prévio trabalho de reconhecimento e escuta das aspirações, capacidades,

recursos e necessidades locais, não faz mais que reproduzir os interesses, motivações e saberes dos próprios docentes - sem qualquer garantia de os adequar realmente às situações sobre as quais se pretende intervir. É aqui essencial a humildade de assumir a posição de "fornecedor" de algumas respostas parciais, face a solicitações que só são expressas de forma efectiva e rigorosa nos próprios espaços e momentos de uma intervenção cívica e solidária que vise o empoderamento de todos os participantes.

Neste processo, foi fundamental à equipa de intervenção saber ouvir e saber aprender, antes de saber falar ou saber ensinar, a fim de criar uma dinâmica partilhada na busca de respostas compreensíveis e adequadas. Nas palavras de Paulo Freire: *"Ninguém ensina o que não sabe. Mas também ninguém deveria ensinar o que sabe, sem, de um lado, saber o que já sabem, e em que nível sabem, aqueles e aquelas a quem vai ensinar o que sabe"*. Ou ainda: *"Devemos procurar a construção do conhecimento colectivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediado pelas experiências no mundo."*

Cursos profissionais e projectos de investigação aplicada puderam ser utilizados, sim, mas uma vez integrados na dinâmica global em curso, como fecundos espaços de interacção entre actores, entre culturas, entre saberes. Tal foi o caso, entre muitos, da tecelagem manual, assente nos contributos técnicos, tanto de uma tecedeira local como de "designers" vindos do exterior, e onde as mulheres em formação receberam elementos de teoria da cor ou de debuxo, que lhes permitiram passar de uma condição de meras executoras, reproduzindo os padrões tradicionais, à de reais criadoras. Ou os cursos de doces tradicionais ou de plantas aromáticas, sempre precedidos de uma recolha exaustiva dos saberes e saber-fazer tradicionais, mas sempre igualmente enriquecidos com contributos exteriores, numa busca constante de sínteses criativas entre a tradição e a inovação.

Também projectos de investigação colocados ao serviço do desenvolvimento do território serrano, como os referentes à aguardente de medronho, à utilização da energia solar ou à raça caprina algarvia, souberam combinar saberes locais e conhecimentos científicos, alternando a investigação *on farm* e *on station*, de modo a produzir resultados rigorosos e enquadrados com as reais necessidades dos produtores locais.

O que se torna necessário, acima de tudo, é criar situações educativas, contextos criativos em que se insiram grupos significativos de pessoas (em número e em qualidade), em torno de problemáticas que afectam verdadeiramente a vida do quotidiano; problemáticas que geram sempre oportunidades de desenvolvimento, entre outras, nas áreas do cognitivo, do estético-afectivo, do físico-motor, do domínio das técnicas e da sociabilidade. Ora, para que se criem estas situações, estas dinâmicas educativas, o ponto de partida (uma vez efectuado, em comum, um breve diagnóstico prévio) quase se poderia dizer que é indiferente, na condição de representar o interesse de um grupo local, por pequeno que seja de início.

Do local se passa facilmente ao global. Como tão bem nos diz Paulo Freire: *"Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidade tenho de me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é o inverso."* Também o escritor e poeta português Miguel Torga nos ensinara que *"o universal é o local sem paredes."* E, como bem realça Michael Apple, *"nestes tempos neoliberais, precisamos de voltar a Paulo Freire para nos lembrarmos das preocupações éticas e políticas que devem animar o nosso criticismo social e ideológico, para nos lembrarmos da importância de nos empenharmos na verdadeira educação crítica, para refazer a conexão com os sonhos, visões e até mesmo com esperanças utópicas que são negadas numa sociedade em que os lucros contam mais do que as pessoas."*

E foi, de certo modo, também um retorno a Paulo Freire a velha-nova experiência em que estive envolvido, entre 1997 e 2000, quando temporariamente deixei o local pelo global e, pela segunda vez na minha vida profissional, aceitei a incumbência de coordenar a concepção de um sistema de educação e formação de adultos para Portugal. Porque já em 1975/76 tivera a missão de dirigir a construção do sistema de educação de adultos para a nova era democrática em Portugal. E o que fizemos, nesses tempos conturbados mas exaltantes que se seguiram a 48 anos de ditadura violenta e obscurantista, assentou, não na importação de quaisquer modelos

vindos de fora, mais a oeste ou mais a leste, mas sim na base do que era então o país, que começa no local, no quotidiano. E assim, com clara inspiração em Paulo Freire, se lançou nessa altura um programa público de apoio à Educação Popular.

Tive o privilégio nos anos seguintes de ocasionalmente trocar informações e pontos de vista com Paulo Freire, na UNESCO. Ele, ainda exilado, trabalhando incansavelmente numa Guiné-Bissau recém-independente, e eu de certo modo auto-exilado, após aquela experiência na administração pública, simultaneamente estimulante e frustrante. E frustrante, porque governos subsequentes a puseram de lado, considerando-a demasiado "terceiro-mundista" para um país que preparava a sua candidatura à Europa Comunitária.

Quando, em finais de 1997, fui de novo convidado pelo Ministério da Educação em Portugal para coordenar um processo de renovação do sistema de educação e formação de adultos, foi possível perspectivar, por um lado, a criação de uma estrutura institucional exclusivamente dedicada a este domínio e, por outro, a construção gradual de um sistema coerente e independente do modelo escolar, que se ajustasse, de facto, às características próprias das pessoas adultas. Entre as várias medidas então implementadas, sublinho uma que, a meu ver, se encontra em grande sintonia com os ensinamentos do nosso mestre Paulo Freire. Dizia-nos ele: *"Subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca da presença de uma ideologia elitista... Não é possível aos educadores desconhecer, subestimar ou negar os saberes de experiência feitos com que os educandos chegam à escola."*

Era óbvio que, no início do século XXI a população adulta portuguesa não era, como hoje não é, tão "ignorante" quanto o mero reflexo da sua fraca escolaridade poderia sugerir. A integração em geral bem-sucedida dos emigrantes portugueses na Europa e no mundo, a transição pacífica de uma sociedade ditatorial para um regime democrático, a inserção de mais de meio milhão de refugiados das antigas colónias, a construção em poucos anos de uma sociedade mais moderna que nos conduziu já ao Clube do Euro, não podem ser obra de uma população sem qualificações. Mais do que subqualificada, a população adulta portuguesa era, e continua de certo modo a ser hoje, sub-certificada, o que atesta sobretudo o carácter monolítico e inflexível dos nossos sistemas de certificação. Sistemas que têm ignorado a intensidade e a qualidade do esforço de autoformação, realizado pelos adultos em contextos de vida e de trabalho.

Por isso se defendeu então, como hoje continuo a defender, como sendo um dos pilares do sistema de educação e formação de adultos em Portugal, que os saberes e as competências adquiridos fora das vias formais de ensino ou de formação profissional sejam sempre considerados; através de uma análise rigorosa, com a participação activa dos interessados, e culminando num reconhecimento formal, que se traduza numa validação oficial. Conduzindo sempre a uma creditação, isto é, outorga de créditos convertíveis em equivalências: ou equivalência parcial, correspondendo a dispensa de uma certa parte do percurso formal de educação e formação ou equivalência total, correspondendo a uma certificação automática e à outorga imediata de um diploma oficial.

Apesar das muitas barreiras que se levantaram, dos desvios sofridos e dos longos períodos de hostilidade ou de indiferença ao nível da decisão política, esta filosofia e as medidas que dela decorrem conseguiram manter-se ao longo de mais de 20 anos. E sinto que podemos encontrar-nos agora, em Portugal, num novo patamar de desenvolvimento da educação e formação de adultos, com base na vitalidade renovada da sociedade civil e na vontade política de superar o problema centenário das baixas qualificações da população adulta.

Permitam-me finalizar com estas belas palavras de Paulo Freire, que muito gostaria (e certamente muitos de vós também) de poder um dia fazer minhas: *"Sou leal ao sonho. Minha acção tem sido coerente com ele. Exigente com a ética, considero que ela tem a ver com a coerência com que se vive no mundo, coerência entre o que se diz e o que se faz... Continuem contando comigo na construção de uma política educacional, de uma escola com outra cara, mais alegre, mais fraterna e democrática."*

Alberto Melo, Março de 2021

Bibliografia consultada:

- APPLE, Michael W. & NÓVOA, António. *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. Coleção Ciências da Educação, Porto Editora, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Edições Paz e Terra & Dinalivro, 5ª edição, sem data.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1997.
- MELO, Alberto & Benavente, Ana. *A Educação Popular em Portugal*. Livros Horizonte. Lisboa 1978.
- MELO, Alberto. *A acção local dos cidadãos como meio de resistência à nova vaga de colonização global: o caso da Associação in Loco no Sul de Portugal*. In *Reinventar a Emancipação Social para novos Manifestos*, vol. 2 (pp. 435-470) Sousa Santos, Boaventura (coord.), Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002.
- MELO, Alberto. *Passagens Revoltas. 40 anos de intervenção por ditos e escritos, 1970-2012*. Sítio do Livro, Lisboa 2012.
- DE SOUZA, João Francisco. *Ética, Política e Pedagogia na Perspectiva Freireana*. Edições Bagaço. Recife 2004.
- SPINOZA, Baruch (1676). *Traité des autorités théologique et politique*, in *Oeuvres complètes*. NRF Bibliothèque de la Pléiade. Paris 1967, pp. 608-908.
- VERSCHAVE, François-Xavier. *Libres leçons de Braudel. Passerelles pour une société non excluante*. Syros. Paris 1994.